

Teatro mais pequeno do mundo

Filomena Gato (Psicóloga)

TEATRO
MAIS
PEQUENO
DO
MUNDO

tudo acontece
dentro de uma
caravana

grandes clássicos do universo dos contos
condensados em micro-espetáculos



“O quê?! Vamos ver teatro numa roulotte? Como é possível? E cabemos lá dentro? Mas isto tem algum buraco por baixo? E onde está o palco? Os atores vão atuar no tejadilho?” Estas eram algumas das muitas ques-

tões que os alunos colocavam ao deparar-se com uma caravana no pátio da ESEN e com o desafio lançado pelos Serviços de Psicologia e Orientação, com a colaboração do Núcleo de Estágio de Educação Social e de alunos

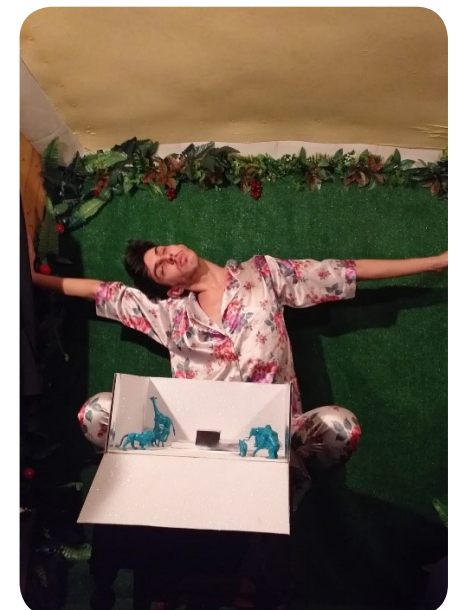
dos Cursos Profissionais de Secretariado/Administração e Turismo Ambiental e Rural.

No final de cada mini-espetáculo eram outros os comentários, como num misto de satisfação, riso, espanto e, por vezes, perplexidade, face às mensagens transmitidas e à forma como cada um via, sentia e entrava nas narrativas que destronavam o famoso “viveram felizes para sempre” e questionavam o lugar da felicidade, da verdade, da justiça e da moral no nosso mundo e nas nossas vidas.

Foram 355 alunos do Ensino Básico e Secundário e 30 Professores que mergulharam neste projeto artístico do encenador

Graeme Pulleyn que define estas curtas-metragens teatrais como um convite para assistir a “histórias de devorar e chorar por mais” e “saborear os contos tradicionais, com uma pitada de subversão”.

Dois atores (o Dennis, ex-aluno da nossa Escola e o Emanuel) alternavam os espetáculos e levavam alunos e professores a mergulhar no(s) mundo(s) das histórias perdidas da infância, das memórias guardadas nos baús dos sonhos, (re)criadas, (re)contadas e (re)interpretadas na barriga da caravana Penélope, onde a magia (sem se saber muito bem como nem porquê) acontecia...



E de repente...

Sónia Boloto



... E de repente, a vida mudou: as escolas encerraram, o país fechou-se em casa para se proteger contra a pandemia, as famílias assumiram uma gestão de momentos e desafios incalculáveis. E o vírus veio para ficar... E agora?

Estarão as famílias em condições de responder e acompanhar os desafios deste novo tempo?

Está a escola pública em condições de assegurar a igualdade de oportunidades para todos os alunos?

Estão os professores capacitados para responder a um novo modelo de ensino?

Como sociedade continuaremos a ter a educação como o maior elevador social?

O que podemos esperar do próximo ano letivo?

Inicialmente as recomendações emanadas

pelo ministério da educação aconselhavam a uma rotina em casa, que pesou nas famílias como nunca antes aconteceu: horários para estabelecer e cumprir; verificação dos trabalhos e tarefas pedidas pelos professores; ajuda nas dúvidas; contacto

com os diretores de turma sem esquecer a prática de atividade física em casa... Tudo isto com a agravante que a maioria dos pais/ encarregados de educação estariam em teletrabalho e que a casa, bem como os poucos meios informáticos, teriam de ser repartidos por todo um agregado familiar!

As preocupações agravaram-se com este novo período escolar! De repente, o foco é o que os filhos fazem ou se cumprem o que ainda está por fazer. A quantidade de trabalhos por disciplina tem sido para além do razoável, em muitos casos, com um volume diário nunca antes presenciado. A família não está de férias e os pais são pais, não professores!

O estado de emergência colocou a educa-

ção e os seus modelos numa condição difícil e muito diferente. O esforço de quem dirige as escolas é imenso, mas nem todas as medidas são razoáveis e nem toda a colaboração é recíproca. O “tempo de aulas” continua atípico e muito desigual.

Falar de educação com ferramentas de aprendizagem tão diversas não é falar de uma educação como igualdade de oportunidades. Passada a fase do desconhecido e de adaptação não é possível continuar a acreditar que a política do “desenrascanço” esteja presente e que este período termine na angústia da injustiça de uma avaliação em tempos de pandemia. Esperemos que a escola avalie os seus alunos pela perspetiva da eficácia do seu ensino na globalidade e não por uma nota! Porque as desigualdades continuam tantas...

A transição do ensino presencial para o ensino virtual fez-se a tantas velocidades diferentes, com meios e recursos tão díspares, em condições tão dissemelhantes que queremos acreditar que os professores, que foram colocados num papel cheio de condicionantes tão surreais, estão a ensinar os seus alunos a manterem-se interessados nas matérias e farão a avaliação no final deste ano letivo com bom senso e com o que têm nas mãos: boa vontade, dando o melhor que

podem com o que lhes é facultado!

Quanto aos pais, preocupados com a sobrevivência perante uma crise económica tão grave, justificam esta retoma com a normalidade possível para que se transforme, depois de tanto tempo, em menos um desafio nas suas vidas. Mas permanece a ansiedade dos exames, a preocupação das aulas presenciais para o 11.º e 12.º anos, as circunstâncias em que será realizado o acesso ao ensino superior, a incógnita do próximo ano letivo. É fundamental refletir nas ações de futuro!

Até lá, aos pais e educadores que mantiveram o esforço conjunto para assegurar condições de normalidade numa época tão anormal, a APESEN deixa um aplauso sentido perante esta calamidade que assolou o país e o mundo; e, aos filhos, fazemos uma vénia pela capacidade de lidar com os dias de incerteza e de uma conjuntura tão única. Nestes meses, a família fez de conta, guardou conversas, escondeu conflitos. A família fez um esforço hercúleo para ser a força tão tranquila, quanto possível, mesmo rodeada de medos concretos. Pais e filhos cuidaram, deram colo, resistiram. A todos vós, que se moveram pela força do acreditar e que foram exemplo de bondade...

Obrigada!